

Escrevivências do corpo(política)fronteiriço: uma teorização conceitual¹

Escrevivências del cuerpo(político)fronterizo: una teorización conceptual

Escrevivência of the body(political)borderline: a conceptual theorization

Viviani Cavalcante de Oliveira Leite²

Edgar César Nolasco³

Resumo

Este trabalho faz parte de um projeto maior (projeto de pesquisa de doutorado pelo PPGEL - Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens) propõe uma teorização epistêmico-conceitual acerca da *escrevivência* (conceito cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo) respaldada pelos conceitos de *exterioridade* e *fronteira* por meio de uma teorização que emerge a partir da (MIGNOLO) fronteira geostórica, conceitual e epistemológica e vai além do que a epistemologia moderna acampou afim de (des)arquivar (DERRIDA) as histórias (bio)locais que foram suprimidas, excluídas e invisibilizadas por ela. A ideia centralizadora do ocidentalismo excluiu e desprezou qualquer ser/saber/pensar que não fosse o do “modelo”, assim, os saberes e sujeitos fronteiriços foram excluídos e ficaram de fora por destoarem do padrão moderno do sistema-mundo. Esse discurso hegemônico, moderno e colonial da ordem da interioridade, criou a exterioridade e relegou os sujeitos/saberes fronteiriços para este lugar, este beco/lugar de despejo marginal a partir do qual, em contraproposta ao projeto ocidentalista, (re)surgem os seres/saberes/pensares fronteiriços. Valeremo-nos de uma epistemologia de cunho crítico biográfico fronteiriço, uma vez que pensamos a partir de lócus e de corpos específicos. Assim, as escrituras negras serão pertinentes para ilustrar tal teorização conceitual. A metodologia do presente trabalho será de caráter eminentemente bibliográfico, desenvolvida, dentre outros, por críticos como Walter Mignolo e Edgar César Nolasco, através dos conceitos de *exterioridade*, *desobediência epistêmica*, *fronteira*, *corpopolítica* e *geopolítica*.

Palavras-chave: Escrevivência; exterioridade; fronteira; desobediência epistêmica.

Resumen

Este trabajo es parte de un proyecto más amplio (proyecto de investigación doctoral de PPGEL - Programa de Posgrado en Estudios del Lenguaje) propone una teorización epistémico-conceitual sobre *escrevivência* (concepto acuñado por el escritor de Minas Gerais Conceição Evaristo) apoyado en los conceptos de exterioridad y frontera

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul; vivianicoleite@hotmail.com.

³ Professor Doutor em Literatura Comparada; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.

a través de una teorización que surge de la (MIGNOLO) frontera geohistórica, conceptual y epistemológica y va más allá de lo que la epistemología moderna ha acampado para (des) archivar (DERRIDA) las (bio) historias locales que han sido suprimidas, excluidas y hecho invisible por ella. La idea centralizadora del occidentalismo excluía y despreciaba cualquier ser / conocimiento / pensamiento que no fuera el “modelo”, por lo tanto, el conocimiento y los sujetos fronterizos fueron excluidos y excluidos porque no concuerdan con el patrón moderno del sistema-mundo. Este discurso hegemónico, moderno y colonial del orden de la interioridad, creó exterioridad y relegó sujetos / saberes fronterizos a este lugar, este callejón / lugar de desalojo marginal del que, en contrapropuesta al proyecto occidentalista, (re) emergen seres. / conocimiento / pensamiento fronterizo. Hagamos uso de una epistemología de carácter crítico biográfico en la frontera, ya que pensamos desde locus y cuerpos específicos. Por lo tanto, las escrituras negras serán pertinentes para ilustrar tal teorización conceptual. La metodología del presente trabajo será eminentemente bibliográfica, desarrollada, entre otros, por críticos como Walter Mignolo y Edgar Cézár Nolasco, a través de los conceptos de exterioridad, desobediencia epistémica, frontera, corpolítica y geopolítica.

Palabras claves: Escrivência; exterioridad; frontera; desobediencia epistémica.

Abstract

This work is part of a larger project (doctoral research project by PPGEL - Postgraduate Program in Language Studies) proposes an epistemic-conceptual theorization about the *escrevivência* (concept coined by the Minas Gerais writer Conceição Evaristo) supported by the concepts of exteriority and frontier through a theorization that emerges from the (MIGNOLO) geo-historical, conceptual and epistemological frontier and goes beyond what modern epistemology has camped in order to (de) archive (DERRIDA) the local (bio) histories that have been suppressed, excluded and made invisible by it. The centralizing idea of Westernism excluded and despised any being / knowledge / thinking that was not the “model”, thus, the border knowledge and subjects were excluded and were left out because they disagree with the modern pattern of the world-system. This hegemonic, modern and colonial discourse of the order of interiority, created exteriority and relegated border subjects / knowledge to this place, this alley / place of marginal eviction from which, in counter-proposal to the Westernist project, beings (re) emerge / border knowledge / thinking. Let us make use of a critical biographical border epistemology, since we think from specific locus and bodies. Thus, the black scriptures will be pertinent to illustrate such conceptual theorizing. The methodology of this work will be eminently bibliographic in character, developed, among others, by critics such as Walter Mignolo and Edgar Cézár Nolasco, through the concepts of exteriority, epistemic disobedience, frontier, corpolitical and geopolitical.

Keywords: *Escrevivência*; exteriority; border; epistemic disobedience.

1. Introdução

Este trabalho faz parte de um projeto maior (projeto de pesquisa de doutorado) e emerge a partir da fronteira-sul, meu biolocus geohistórico e epistemológico. Proponho estabelecer uma teorização *outra* crivada na *diversalidade* (MIGNOLO, 2003) sobre o conceito de *Escrevivência* (EVARISTO) subsidiada, essencialmente, pela Exterioridade e pela Fronteira (MIGNOLO). Para isso, minha discussão se assenta na Crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015) que corrobora os estudos da Crítica biográfica (SOUZA, 2002) e da Pós-colonialidade (MIGNOLO, 2003) além de “apresenta[r]-se e sustenta[r]-se como uma prática teórica que emerge do arrabalde [...] por ser capaz de, a seu modo, barrar a crítica migrante dos centros.”(NOLASCO, 2015, p. 53).

Assim, minha prática teórico fronteiriça terá como ilustração e também como embasamento teórico as escrituras negras, como, por exemplo, de Conceição Evaristo e Frantz Fanon, uma vez que tal teorização de caráter sul-fronteiriço me respalda para ler melhor tais literaturas/epistemologias. Busco por uma teorização que emerge a partir da (MIGNOLO) fronteira geoistórica, conceitual e epistemológica que vai além do que a epistemologia moderna acampou afim de (des)arquivar (DERRIDA) as histórias (bio)locais que foram suprimidas, excluídas e invisibilizadas por ela.

O ocidentalismo encontrou na filosofia cartesiana, que concebe como modelo universal o homem (ocidental), uma de suas razões de ser/estar, pois se trata de um movimento elaborado como forma de unificar identidade e, por conseguinte, atuar como parâmetro de existência. Essa ideia centralizadora excluiu e desprezou qualquer ser/saber/pensamento que não fosse o do “modelo”, visto que os saberes e sujeitos fronteiriços foram excluídos e ficaram de fora por destoarem do padrão moderno do sistema-mundo. Esse discurso hegemônico, moderno e colonial da ordem da interioridade, criou a exterioridade e relegou os sujeitos/saberes fronteiriços para este lugar, este beco/lugar de despejo marginal. Walter Mignolo afirma que a subordinação da geografia à história, na construção da modernidade, excluiu a importância das histórias locais sujeitando-as à história universal do Ocidente, assim, “ao restaurar-se o espaço restauram-se as histórias locais e diminui-se a ideia da dupla constante entre o Ocidente e o resto do planeta” (MIGNOLO, 1998, s/p).

Nesta perspectiva, entendo que restabelecer as histórias locais torna-se um ardil para transcender ou ir “além” do ocidentalismo e pensar pós-ocidentalmente e/ou pós-criticamente a partir da fronteira-sul. Pensar “a partir de” (MIGNOLO) implica à geoistória abordada de uma maneira mais global e também às histórias locais que, por sua vez, levam em consideração as especificidades e o *bios* do sujeito fronteiriço (do corpo), uma vez que, o que separa a fronteira/margem do centro são as diferenças coloniais. Diferenças estas que a visão hegemônica e imperial do pensamento moderno usa como pretexto para (des)classificar, ignorar e excluir os corpos fronteiriços e seus saberes, tomando assim a margem como objeto de estudo pelo qual pode pensar e falar em seu lugar. Ressalta-se, portanto que a proposta desenvolvida neste projeto é pensar a partir de histórias locais nas quais o meu *bios* está imbricado, ou seja, a partir da fronteira-sul, do Brasil, de Mato Grosso do Sul, mais especificamente, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

A justificativa e a relevância de minha pesquisa se dão embasadas na necessidade de uma epistemologia produzida a partir de um lócus geohistórico específico (a fronteira-sul) de realizar uma teorização conceitual acerca do conceito de *escrevivência*. Essa necessidade foi evidenciada nos dois últimos anos de pesquisa em que me debruçei a refletir, argumentar e teorizar embasada em “uma prática teórica daqueles que se opõem ao conceito racional e asséptico de teoria e conhecimento, teorizando, precisamente, a partir da situação na qual foram colocados” (MIGNOLO, 2003, p. 157). *Escrevivência* é um conceito cunhado pela intelectual e escritora mineira Conceição Evaristo para se referir a sua própria escrita e à escrita de outras mulheres negras. Segundo Evaristo, a *escrevivência* “é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva” (EVARISTO *apud* LIMA, 2017, s/p); assim, nas palavras da intelectual Conceição Evaristo:

[A *escrevivência*] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma *escrevivência*, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha *escrevivência* e a *escrevivência* de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de *escrevivência* (EVARISTO *apud* LIMA, 2017, s/p).

Nesse sentido, a *escrevivência* pode ser entendida como um conceito criado pela escritora para definir ou nomear a “escrita de si” ou auto(biografia)ficção da mulher negra na literatura brasileira. Entretanto quero pensar a *escrevivência do corpo(política)fronteiriço* enquanto uma desobediência epistêmica em que o sujeito opta por “desaprender, e aprender a reaprender” (MIGNOLO, 2008, p.305). Posto isto, entendo que as escrituras negras são pertinentes para ilustrar minha teorização. A exemplo, de Frantz Fanon, um dos pensadores negros mais importante do século XX, que finaliza seu livro *Pele negra máscaras brancas* (2008) com uma frase a qual identifica como sua última prece: “Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!”(FANON, 2008, p. 191), posso dizer, que o clamor de Fanon ecoa também nos corpos fronteiriços e que a *escrevivência do corpo(política)fronteiriço* é a resposta para esse clamor.

No vídeo ‘*Escrevivência – Episódio 01 da série Ecos da palavra*’, Conceição Evaristo fala sobre a primeira vez em que mencionou o termo *escrevivência*. Segundo Evaristo, aconteceu em meados do ano de 1995 em um seminário no qual havia uma mesa de escritoras negras e em sua apresentação a escritora mineira afirma: “A nossa *escrevivência* não pode ser

lida como história de ninar para os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”,⁴ fazendo referência ao processo histórico da escravização do povo negro no Brasil, tendo como pano de fundo a condição das mulheres escravas que eram condicionadas a contar histórias para ninar os filhos de suas senhoras.

Assim, ressaltadas as diferenças, respaldo-me na afirmação de Conceição Evaristo supracitada na qual enuncia que *de certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções.* Eu, a partir do meu corpo/mulher/pesquisadora que habita essa fronteira geográfica/conceitual/epistemológica também faço minhas escrevivências, dessa maneira, parafraseando (incorporando) a fala de Conceição Evaristo, posso dizer que a escrevivência do corpo(política)fronteiriço não é para repetir as teorias e as perspectivas da razão moderna mas sim conceber um conceito outro de razão, a descolonial. Razão esta que preza pela vida e (re)existência dos corpos epistêmico-fronteiriços.

2. Escrevivência: pela vida e (re)existência do corpo epistêmico-fronteiriço

o ‘corpo’ implica a ‘pessoa’, se se libertar o conceito de ‘corpo’ das implicações mistificadoras do antigo ‘dualismo’ eurocêntrico, especialmente judaico-cristão (alma-corpo, psique-corpo, etc.). E isso é o que torna possível a ‘naturalização’ de tais relações sociais. Na exploração, é o ‘corpo’ que é usado e consumido no trabalho e, na maior parte do mundo, na pobreza, na fome, na má nutrição, na doença. É o ‘corpo’ o implicado no castigo, na repressão, nas torturas e nos massacres durante as lutas contra os exploradores. Pinochet é um nome do que ocorre aos explorados no seu ‘corpo’ quando são derrotados nessas lutas. Nas relações de gênero, trata-se do ‘corpo’. Na ‘raça’, a referência é ao ‘corpo’, a ‘cor’ presume o ‘corpo’ (QUIJANO, 2010, p. 126).

Nesta perspectiva, o corpo implica o ser/estar do sujeito. O corpo epistêmico-fronteiriço, excluído por não se adequar ao modelo ocidental, é nascido e formado na fronteira. Concebo esse corpo enquanto aquele do qual emergem as epistemologias fronteiriças e que não aceita ser manipulado e silenciado pela dualidade da epistemologia ocidental. São corpos que resistem à docilidade. Em “Corpos dóceis” (1987) Michel Foucault discorre sobre os métodos

⁴ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>

disciplinares “que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1987, p.164), seria então, segundo Foucault, um tipo de método diferente da escravidão, da domesticidade, da vassalagem e do ascetismo e das “disciplinas” de tipo monástico.

Entretanto, o método disciplinar emerge de todos os outros métodos citados pelo filósofo como divergentes e possuem muitas semelhanças entre si, o que acontece é que continuam sendo maneiras de dominação do corpo com nomes e estratégias que foram modernamente transformados. Foucault dá uma interessante definição de corpo dócil ao afirmar que “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p.163); o estudioso exemplifica tais corpos com um tipo de homem máquina, bonecos políticos reduzidos de poder.

Em contraproposta, os corpos epistêmico-fronteiriços são corpos que poderiam ser submetidos, utilizados, transformados e aperfeiçoados, mas optaram por serem desobedientes epistêmicos e políticos, optaram por escrever. Defendo a ideia de que a (re)inserção das histórias locais, das epistemologias fronteiriças na academia, priorizando saberes outros que emergem da/na fronteira e por meio dos quais se imprimem o *bios* dos sujeitos fronteiriços cujos corpos foram rechaçados de sua própria história torna-se um ardil para não “cair na velha prática herdada pelas bordas do grande centro moderno de repetir à exaustão uma lição teórica falida” (NOLASCO, 2015, p. 60) e pôr em prática a *corpopolítica* e *geopolítica* por meio da *escrevivência* para (re)incluir o corpo do sujeito subalterno em sua própria história.

Nesse sentido, a teorização do conceito de *escrevivência do corpo(política)fronteiriço* para a qual me proponho, é pensada a partir da fronteira-sul pelo viés de uma epistemologia fronteiriça e por um sujeito da exterioridade que me proporciona a possibilidade de refletir e de provocar reflexões a respeito da necessidade de se (re)incluir os corpos epistêmico-fronteiriços e seus saberes invertendo a condição de objeto de estudo na qual foram postos para assim ocuparem a condição de produtores de saberes/teorias/epistemologias. Para tanto, tal teorização conceitual só pode ser embasada e sustentada por uma epistemologia de natureza fronteiriça e biográfica, infelizmente, pouco explorada na academia.

Assim, a teorização proposta neste trabalho, faz emergir reflexões a respeito de temáticas, como a exclusão e o racismo que são de extrema relevância para a sociedade atual,

na qual vivenciamos tais mazelas sociais e podemos observar discursos extremamente excludentes, racistas e preconceituosos, que muitas vezes partem de sujeitos que ocupam lugares de poder e conseqüentemente de disseminação de tais mazelas. Entendo que as escrituras negras contaminadas pelas experiências somadas às sensibilidades biográficas do corpo negro podem nos proporcionar uma leitura e teorização mais ampla a respeito de tais temáticas, visto que “aqueles para quem as heranças coloniais são reais (ou seja, aqueles a quem elas prejudicam) são mais inclinados (lógica, histórica e emocionalmente) que outros a teorizar o passado em termos da colonialidade” (MIGNOLO, 2003, p. 166). Mignolo afirma ainda que:

[...] parece que as possibilidades de teorização das heranças coloniais poderiam ser exploradas em direções diferentes: a partir de uma posição estritamente disciplinar, do ponto de vista de alguém para quem as heranças coloniais são um tema histórico, mas não uma questão pessoal, e finalmente, da posição de alguém cujas heranças coloniais, estão entranhadas em sua própria história e sensibilidade (MIGNOLO, 2003, p. 160 - 161).

Nesse sentido, justifica-se a relevância e necessidade de uma conceituação teórica fronteiriça, concebida pelo sujeito da/na fronteira que teoriza e (re)inscreve sua própria história, literatura e teoria a partir de seu biolocus, como assenta o intelectual negro Frantz Fanon: “a imobilidade à qual é condenado o colonizado só pode ser questionada se o colonizado decidir pôr termo à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da descolonização” (FANON, 2005, p. 68). É possível inferir que dessa necessidade do sujeito fronteiriço de teorizar a partir de seu biolocus nasce, então, a *corpopolítica* e a *geopolítica*, a *escrevivência da corpo(política)fronteiriça*. Edgar Cézar Nolasco afirma que:

A relação do homem fronteiriço com o seu destino, sua relação com seu locus geostórico cultural e seu bios estruturam seu “corpopolítica” (MIGNOLO), sua consciência subalterna e preparam o terreno para uma epistemologia fronteiriça, cuja teoria advinda dessa produção de conhecimento traz a marca de um destino, de um sintoma e de um desejo oriundos a partir de um lugar específico na cultura (NOLASCO, 2018, p. 39).

Assim, entendo que os corpos fronteiriços são constituídos por uma consciência *geopolítica* e *corpopolítica* do conhecimento que “desconstrói a ideia de que o conhecimento (teológico, filosófico, científico) é deslocalizado e desincorporado” (MIGNOLO, 2015, 307)⁵, ou seja, desconstrói o pensamento teopolítico e egopolítico hegemônico e “promovem a genealogia do pensamento descolonial, isto é, do pensar geopolítica e corpopoliticamente (o

⁵ [...] deconstruye la idea de que el conocimiento (teológico, filosófico, científico) es deslocalizado y desincorporado. (Tradução livre)

que significa assumir o controle do racismo e patriarcado epistêmico da teopolítica e egopolítica do saber e do pensamento)” (MIGNOLO, 2015, p. 308)⁶. Dessa maneira, como afirma Mignolo, a libertação do universalismo e da biopolítica sem geohistória são dois pilares do pensamento descolonial nos quais a geopolítica e a corpopolítica se transformaram.⁷ Segundo Nolasco:

[...] quando levamos em conta na discussão teórica e crítica tanto a corpopolítica (homem fronteiriço, “bugres”, indígenas, brasiguaios, paraguaios, bolivianos, pantaneiros, entre outros), quanto a geopolítica (a fronteira sul, por exemplo), contribuimos para uma guinada epistemológica fronteiriça e, o mais importante, podemos pensar e conceitualizar uma consciência fronteiriça específica do lócus em questão (NOLASCO, 2018, p. 39).

Nesse sentido, entendemos geopolítica enquanto inclusão do lócus fronteiriço e a corpopolítica a inclusão do corpo fronteiriço em uma maneira outra de pensamento que configura o pensar/fazer descolonial. O cogito “penso, logo existo” de Descartes poderia servir ao corpo fronteiriço, caso seu *bios* e *lócus* não fossem excluídos de tal reflexão, uma vez que penso a partir do meu biolócus e existo nele. Assim, minha teorização se deu a partir de um pensamento outro (MIGNOLO) que se desprende que não se pautou na razão moderna. A motivação desse trabalho configurou-se no desejo político de libertar meu/nossos corpos fronteiriços para ser (biolócus), saber (razão descolonial) e sentir (sensibilidades).

Referências

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. de Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães – Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Trad. Sob a direção de Renato da Silveira. Salvador : EDUFBA, 2008.

FOUCAUL, Michel. Os corpos dóceis. In: FOUCAUL, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramalhet. Petrópolis: Vozes, 1987.

LIMA, Juliana Domingues de. NEXO – Jornal digital. “Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’”. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo->

⁶ [...] fomentan la genealogía del pensar descolonial, es decir, del pensar geo y corpopolíticamente (lo que significa hacerse cargo del racismo y patriarcado epistémico de la teo y egopolítica del conocer y del pensar). En realidad, la pregunta da precisamente en el clavo. (Tradução livre)

⁷ Cf. MIGNOLO. *Habitar la frontera*, p. 307.

%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99. Acesso em: 18/03/2018.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. “Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina”. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo (editores) *Teoría sin disciplina: (latinoamericanismo, poscolonialidade y globalización em debate)*, 1998,s.p.

MIGNOLO, Walter. *Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política*. In: Cadernos de Letras da UFF. Niteroi, n. 34. 2008. p. 287-324.

MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (Antologia, 1999-2014) Barcelona: Edicions Bellaterra, 2015.

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil/Paraguai/Bolívia**. v. 7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica**. v. 2, n. 4 Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 35-50.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. Corpos bugrescos esculpidos a machado. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos; NOLASCO, Edgar César (Orgs.). *Fronteiras culturais em contextos epistêmicos descoloniais*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.